

---

# DA LITERATURA MONTELLIANA, TERRITÓRIO E SOCIEDADE MARANHENSE EM “OS TAMBORES DE SÃO LUÍS”: TANTANTÃ ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

OF THE MONTELLIAN LITERATURE, TERRITORY AND MARANHENSE SOCIETY IN “OS  
TAMBORES DE SÃO LUÍS”: TANTANTÃ BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE

DE LA LITERATURA MONTELLIANA, TERRITORIO Y SOCIEDAD DE MARANHENSE EN “OS  
TAMBORES DE SÃO LUÍS”: TANTANTÃ ENTRE GEOGRAFÍA Y LITERATURA

Mozart de Sá Tavares Júnior<sup>1</sup>

José Arilson Xavier de Souza<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A Literatura é comunicada no âmbito da interpretação, cabendo, portanto, o exercício da crítica frente às visões de mundo elaboradas. Deste campo do saber, em diálogo – aqui ecoando como o *tantantã* dos tambores –, à Geografia interessa a trama espaço-temporal representativa dos lugares, desvelada, em meio aos diversos direcionamentos do viver humano, pela paisagem e através do território. O presente artigo<sup>3</sup>, por seu turno, com base na literatura do ludovicense Josué Montello, problematiza questões territoriais da sociedade maranhense de outrora a partir do livro “Os Tambores de São Luís”. Desse romance, voltamo-nos, em especial, para o tema escravidão, da mata à cidade. Por fim, na confluência das reflexões ensejadas, indicamos a Literatura como arte e cultura capaz de fazer desenvolver sentidos humanitários, um *texto* ampliador das nossas noções geográficas.

**Palavras-chave:** Geografia e Literatura. Território e Sociedade. Josué Montello e Maranhão.

**ABSTRACT:** Literature is communicated in the scope of interpretation, and therefore, the exercise of criticism against the elaborated worldviews is appropriate. From this field of knowledge, in dialogue - here echoing as the *tantantã* of the drums, in reference to the work examined -, Geography is interested in the spatial-temporal plot representative of places, unveiled, in the midst of the various directions of human living, by landscape and through territory. The present article, in turn, based on the literature of Josué Montello, from Ludovicense, discusses territorial issues of the Maranhão society of yesteryear from the book “Tambores de São Luís”. From this romance, we turn, in particular, to the theme of slavery in the city. Finally, in the confluence of these reflections, we point to Literature as art and culture capable of developing a humanitarian sense, a *text* that expands our geographic notions.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (PPGEO-UFG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (PPGEO-UEMA). Integrante do Núcleo de Estudos em Território, Cultura e Planejamento (Marielle) e o Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura (GEEC). E-mail: mtavares23@gmail.com.  
<sup>2</sup> Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (PPGEO-UEMA), onde coordena o Núcleo de Estudos em Território, Cultura e Planejamento (Marielle) e o Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura (GEEC). E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br.

Artigo recebido em fevereiro de 2021 e aceito para publicação em agosto de 2021.

---

**Keywords:** Geography and Literature. Territory and Society. Josué Montello and Maranhão.

**RESUMEN:** La literatura se comunica en el ámbito de la interpretación, por lo que es oportuno el ejercicio de la crítica frente a las cosmovisiones elaboradas. Desde este campo de conocimiento, en diálogo - aquí resonando como la tantantã de tambores - la Geografía se interesa por la trama espacio-temporal que representa lugares, develados, en las diversas direcciones del vivir humano, a través del paisaje y a través del territorio. El presente artículo, a su vez, basado en la literatura de Josué Montello, de Ludovico, analiza cuestiones territoriales de la sociedad de Maranhão en el pasado, a partir del libro “Os Tambores de São Luís”. De esta novela, pasamos, en particular, al tema de la esclavitud, del bosque a la ciudad. Finalmente, en la confluencia de las reflexiones necesarias, señalamos la Literatura como arte y cultura capaz de desarrollar sentidos humanitarios, un texto que expande nuestras nociones geográficas.

**Palabras clave:** Geografía y Literatura. Territorio y Sociedad. Josué Montello y Maranhão.

## INTRODUÇÃO

A relação entre Geografia e Literatura não está dada, não é fácil de ser empreendida e não se resume à interpretação das obras literárias por parte dos geógrafos. Entretanto, sim, interpretar é uma estratégia necessária e interessante na medida em que proporciona visões de mundo diversas. É o que aqui chamaremos de exercício da crítica literária (BENJAMIN, 2016). De certo, exercer a crítica por esse viés exigirá a compreensão da Literatura como arte e cultura capaz de fazer desenvolver sentidos humanitários.

Tratamos, assim, a Literatura como texto que possibilita o transporte a outras realidades, *terras* possíveis de serem acessadas para além das proposições dos escritores, fazendo-nos reconhecer o foro íntimo de como a palavra escrita rebate em cada ser e, conseqüentemente, na forma como este passa a ver e se relacionar com o mundo (BROSSEAU, 2007a). Eis o que muito nos encanta no texto de cunho literário, *geográfico* na proporção em que o sentimento tocar a dimensão espacial da condição humana escrita.

Neste diálogo – aqui ecoando como o *tantantã* dos tambores, em referência à obra examinada – à Geografia interessa a trama espaço-temporal representativa dos lugares, desvelada, em meio aos diversos direcionamentos do viver humano, pela paisagem e através do território. Escrito por dois geógrafos, o presente artigo, com base na literatura do ludovicense Josué Montello, problematiza questões territoriais da sociedade maranhense de outrora a partir da obra “Os Tambores de São Luís”. Desse romance, voltamo-nos, em especial, para o tema escravidão, da mata à cidade.

## GEOGRAFIA E LITERATURA E TERRITÓRIO E CIDADE

Lugar, paisagem e região são as categorias com as quais a Geografia mais trabalhou na sua relação com a Literatura. A especificidade dessa relação se deu, sobretudo, sob a noção de experiência de mundo. Referindo-nos à experimentação do *texto* Literatura, dizemos, pois, das experiências de constituição do lugar, das experiências imputadas pelas paisagens escritas e das experiências alcançadas por meio de marcas e matrizes identitárias da região, todas situadas pela ordem do sentir.

Território é, por sua vez, uma categoria pouco privilegiada, mas que nos últimos anos tem ganhado maior atenção. Nesse sentido, a cidade responde como um *locus* tenaz nas discussões sobre território no âmbito da Literatura. Celebrada em grande parte pelas qualificações da sua paisagem e enquanto lugar, a cidade também desponta nesse cenário como representação espacial das condições de vida dos sujeitos em termos territoriais, relacionada com, e indutora de, suas identidades.

Ah, as identidades. Aqui as associaremos com a noção de território (LE BOSSÉ, 2013), mas isso não significa que ignoramos a presença de identidade nos lugares, nas paisagens, nas regiões, nos espaços. Ah, os espaços. Nunca estáveis, os espaços são ou podem ser continuamente dotados de conteúdo identitário, pois são também instáveis no tempo. Por falar em instabilidade, tentando *fazer Geografia*, é este o anseio que nos nutre no transcorrer da aventura com a Literatura. Ah, territórios incertos os da Literatura. Benção!

Sensível ao cariz geográfico do romance, apresentando-o como “outro sujeito para a Geografia”, Marc Brosseau (2007b) aponta de maneira sublime a polivocalidade das identidades espaciais traduzidas pelo texto literário. Por mais que descubramos formas diversas de interpretar sentidos e significados, a visão de mundo do autor, dos leitores e dos críticos, tende, a todo momento, escapar-nos. Com isso queremos dizer que a decodificação dos territórios da cidade não se esgota em Literatura. De tal modo,

Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda a referência ao “real”, podemos associar essas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Nele há “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material, [...] que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial (HAESBAERT, 1997, p. 24).

Repitamos, então: é plural e instável a identidade territorial da cidade, o que, segundo Haesbaert (1997), requer que compreendamos as suas expressões para além da concretude da vida, logo, empreendendo perspectivas metodológicas culturais, diríamos, até existenciais. Isso equivaleria considerar que, pretensiosamente ou não, *abrir o livro daquele autor* poderá nos levar para *outros mundos*, que não aquele visto no presente, imediatamente à frente; mundos conhecidos ou não, concretos e/ou imaginados, topofílicos ou topofóbicos, de onde a Geografia possa ser vista e tramada em pontos de contato.

Nessa tarefa, à luz de pensar a cidade, saibamos que esta é um tecido inacabado, e certamente estendido pelas letras dos escritores de mundo, universo em construção, interpretável. Pensa a cidade, e seus territórios, o geógrafo, o romancista, os não geógrafos e não romancistas (CLAVAL, 2010), e, sobretudo, os sujeitos do seu cotidiano. Não é, ou é também, no cotidiano que a vida acontece? A *Geografia do geógrafo* teria sentido se uma vez se afastasse totalmente do cotidiano? Conseguiria o literato escrever de modo a se eximir do cotidiano das pessoas? Pobres seriam a Geografia e a Literatura sem a dimensão cotidiana da vida, se é que se pode admitir algo assim.

Enfim, seria possível abordar a cidade por meio da Literatura? Este artigo não se apressa em simplesmente inscrever a afirmativa para tal questionamento ao passo que crê que é mais interessante pensar e abrir caminhos. Contudo, é preciso dizer que, não raro, mensageiros do

projeto modernista do fazer científico, mais ou menos conscientes, vão cobrar provas materiais da análise, tentando, também mais ou menos conscientes, desqualificar abordagens que não lhes convém, sugerindo, mais ou menos abertamente, que: *isso não é Geografia!*

Não nos alongaremos sobre essa discussão – profunda e sem resolução aos nossos olhos –, e, de pronto, clareamos que nos interessa o modo e a plasticidade pelos quais o romancista capta e propõe o lugar, a paisagem, a região, e, particularmente, o território. Como evidenciado por Brosseau (2007b), o desafio estará em enxergar na Literatura mais do que um objeto de diálogo, um sujeito, ideia esta traduzida no seguinte raciocínio:

[...] mesmo um romance regional realista “enraizado” talvez não busque tanto nos “informar” sobre os destinos comuns de uma população e de um território precisos, e sim sugerir o caráter exemplar desse destino [...]. É preciso então reconhecer que aquilo que é implicitamente invocado é a autonomia parcial do mundo fictício em relação ao mundo cotidiano, graças à forma estética na qual ele está encaixado e com o qual tem vínculos (BROSSEAU, 2007b, p. 114).

Ora, entende-se daí que a essência da Literatura é ser Literatura. Saber e praticar isso dirá muito sobre os diálogos ensaiados por nós geógrafos. Romancista, maranhense, Josué Montello escreveu uma eloquente literatura acerca do território e da sociedade maranhense. Teimosamente, coube-nos ensaiar um *tantantã*.

## **LITERATURA MONTELLIANA E SOCIEDADE MARANHENSE**

Romancista prolífico, jornalista com artigos e ensaios publicados em vários jornais do Brasil, professor visitante com passagens em diversas universidades do mundo, são algumas das alcunhas<sup>4</sup> que podem resumir a carreira profissional do escritor maranhense Josué Montello (Figura 1), que nasceu em São Luís, no dia 21 de agosto de 1917, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 15 de março de 2006.



Fonte: Acervo Casa de Cultura Josué Montello.

**Figura 1.** O escritor Josué Montello.

Sempre ligado ao mundo das letras, Josué Montello foi herdeiro direto de um movimento de décadas de efervescência cultural do século XIX, no qual a ciência e a literatura eram as bases de uma sociedade que ainda vivia seu auge econômico, e que, portanto, as elites aristocráticas maranhenses – comerciantes, fazendeiros, políticos, entre outros – enviavam seus filhos para estudar em universidades da Europa, de onde retornavam influenciados pelas diretrizes intelectuais que dominavam aquelas sociedades, fazendo gerar significativas marcas na cidade de São Luís.

Em razão desse movimento, São Luís passou a ser conhecida como “Atenas Brasileira”, sendo, portanto, associada à capital da Grécia, berço da civilização ocidental. A respeito de tal momento histórico, Santos (2003, p. 57) declara: “foram décadas de efervescência cultural em que emergiam poetas, escritores, jornalistas e políticos cujo comprometimento intelectual vingaria o epíteto Atenas Brasileira”.

Arthur Azevedo (teatrologista que foi um dos pais da arte teatral no país); Gonçalves Dias (um dos maiores poetas do Romantismo brasileiro); Aluísio Azevedo (fundador do Naturalismo no Brasil, com obras extraordinárias, como *O Mulato* e *O Cortiço*); Raimundo Correia (um dos três da grande tríade de poetas parnasianos, ao lado de Bilac e Alberto de Oliveira); Graça Aranha (espírito avançado e contestador, que teve a coragem e a grandeza de emprestar seu nome, então consagrado, à defesa dos primeiros autores modernistas, indo frontalmente contra a Academia Brasileira de Letras, da qual fazia parte); Maria Firmina dos Reis (provavelmente autora do primeiro romance abolicionista feminino brasileiro, de título *Úrsula*) (CARNEIRO, 2011, p. 59).

Como se percebe, daquele contexto surgiram nomes que moldaram o campo das letras maranhense e brasileira. De fato, essa geração ficou marcada por ter representado uma gama de intelectuais que proporcionou novos ares culturais, fazendo vingar uma forte densidade de conhecimentos para as humanidades, de modo a influenciar gerações posteriores.

Josué Montello não viveu o auge dessa época, mas, ao ser influenciado por esta, representou uma renovação do mito da “Atenas Brasileira”. Com o declínio da geração que ia para a Europa, surgiu uma nova geração de escritores, jornalistas e poetas, com a diferença que esta última fez parte da sua vida intelectual, inicialmente em São Luís, migrando posteriormente para o Rio de Janeiro, onde a elite da intelectualidade brasileira se reunia.

Morando no Rio de Janeiro, a fim de concretizar seu desejo de se tornar um escritor consolidado, Montello passou a ter como companheira a inquietação por não estar em casa, como atesta no seu Diário em um registro do dia 10 de junho de 1952: “acostumado à minha varanda, ao meu quintal e às minhas árvores, dou comigo a andar da sala para a cozinha, como se os pés estivessem a sentir falta do rangido da terra solta” (MONTELLO, 1998, p. 29).

Em *terra firme*, no transcurso da vida no Rio de Janeiro, o autor se estabeleceu como escritor e tem a sua vocação realçada, alcançando reconhecimento por parte da crítica especializada e de leitores comuns. Chega a fazer parte do círculo de escritores que se reunia na livraria José Olympio<sup>5</sup>, situada na Rua do Ouvidor, nº 110. Dentre outros, seguem alguns dos nomes daquele círculo: Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, de quem se tornou amigo.

Leitor compulsivo, a qualidade das leituras de Josué Montello ficava cada vez mais evidente em sua produção literária, esta que revela uma visceral relação com as terras

maranhenses e suas questões, como lido em Rabecchi, para quem: “a obra montelliana, quase toda, vincula-se ao contexto maranhense político e econômico – vivenciando seus ciclos, da sociedade aristocrática à burguesa” (RABECCHI, 2009, p. 19-20).

É verdade que Josué Montello se considerava um homem de sua província, com fortes marcas da terra e dos hábitos do Maranhão, mais especificamente de São Luís. Nunca se esquecendo do seu chão, que para ele representava tudo o que de mais importante a memória poderia conceber, corpo-referência de quem decidiu se exilar – refere-se aqui ao autoexílio –, é a cidade que vai remontar nos recônditos da sua consciência as mais qualificadas situações de vida que aparecem em suas obras.

A tais termos, cumpre salientar que, apesar de vasta produção bibliográfica, o que fez Montello ser reconhecido no cenário nacional foi a sua verve de romancista, que por ordem cronológica de publicação consiste nos seguintes títulos: *Janelas fechadas* (1941), *A luz da estrela morta* (1948), *Labirinto de espelhos* (1952), *A décima noite* (1959), *Os degraus do Paraíso* (1965), *Cais da Sagração* (1971), *Os Tambores de São Luís* (1975), *Noite sobre Alcântara* (1978), *A coroa de areia* (1979), *O silêncio da confissão* (1980), *Largo do desterro* (1981), *Aleluia* (1982), *Pedra viva* (1983), *Uma varanda sobre o silêncio* (1984), *Perto da meia-noite* (1985), *Antes que os pássaros acordem* (1987), *A última convidada* (1989), *Um beiral para os bem-te-vis* (1989), *O camarote vazio* (1990), *O baile da despedida* (1992), *A viagem sem regresso* (1993), *Uma sombra na parede* (1995), *A mulher proibida* (1996), *Enquanto o tempo não passa* (1996), *Sempre serás lembrada* (2000), *A mais bela noiva de Vila Rica* (2001).

Grande parte de sua obra é inspirada em São Luís, como se o autor precisasse escrever sobre sua terra natal para reviver suas memórias, ou como se prestasse homenagem à terra que o trouxe ao mundo e o formou, buscando, assim, em *sujeitos reais*, arquétipos para seus *personagens*, iluminados pelos casos da cidade. Atentemos, pois, para as palavras que se seguem:

São Luís pulsa e se derrama na essência de meus romances. De onde concluo que não fui eu apenas, com a minha língua materna, que escrevi [...] foi também minha terra que os escreveu comigo, com seus tipos, com seus sobrados, com suas ruas estreitas, com suas ladeiras, com a luz inconfundível que se desfaz ao fim da tarde sobre seus mirantes, seus telhados, seus campanários, na Praia Grande, no Desterro, no Largo do Carmo, no Cais da Sagração (MONTELLO, 1998, p. 1041).

São Luís, nos romances montellianos, é desvelada como uma cidade encantadora, ainda vivendo seu apogeu comercial, artístico e intelectual, e com uma riqueza natural ímpar, mas também como uma cidade repleta de contradições, desigualdades sociais e buscas pela sobrevivência. Por isso mesmo, provavelmente, fez com que Itapary (2006, p. 5) afirmasse: “Josué, para nós, é o nosso representante maior, no Brasil e no exterior. Foi a grande figura que projetou, durante o século XX, o modo de viver do povo maranhense”.

Por sua vez, ainda sobre o romancista em tela, Carvalho nos diz o seguinte:

É um nato representante da cultura maranhense, principalmente, no tocante ao espaço da velha cidade já, na época, praticamente em ruínas. A sua ilha, capital que se transfigura como ambiente socioeconômico e cultural na maioria da sua obra ficcional, e guarda segredos, mistérios contados por personagens

nos seus romances. Esses aspectos fortalecem a imaginação que transforma a realidade do autor, com a vida do seu povo, e da cidade miscigenada por natureza (CARVALHO, 2014, p. 17).

Montello acreditava ser um escritor que precisava pôr os pés na sua cidade para que assim pudesse rememorar caminhos, espaços, paisagens e cenas do cotidiano. Ele, nas visitas que fazia com frequência para rever a cidade que tanto o inspirou, aproveitava para reviver imagens como essas assim escritas: “Os pregões de São Luís... Ouço-os ainda, como ao tempo de minha infância. O do jornaleiro. O do peixeiro. O do Sorveteiro. O do vendedor de pamonhas. O do mascate, que parava na rua do Alecrim” (MONTELLO, 1998, p. 377).

Em “Os Tambores de São Luís” (1975), tida pela crítica como a obra-prima do escritor, a cidade de São Luís é apresentada por um cunho essencialmente humanitário, elegendo questões do tipo: busca da liberdade do negro em face à escravidão, disputas entre poderes — em especial o poder econômico e religioso —, preconceitos da sociedade aristocrática para com o povo e a plural carga simbólica da cidade. Com efeito, *Os Tambores* é resultado das pesquisas de mais de vinte anos que Montello fez sobre a escravidão no Brasil e no Estado do Maranhão, imergindo em livros de outros autores, fotografias, textos jornalísticos e em registros específicos. Não por acaso, em 1987, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu tamanho compromisso imaginativo, tendo a obra como representativa à humanidade.

Antes de fazermos a passagem para a próxima seção do texto, a respeito do conteúdo que o autor criou, lançamos mão de suas próprias palavras, que dizem: “com o meu romance, poderei suprir uma lacuna no romance brasileiro, [...] a epopeia da raça negra, lutando por sua liberdade” (MONTELLO, 1998, p. 1212).

### “OS TAMBORES DE SÃO LUÍS”: DA MATA À CIDADE: A ESCRAVIDÃO

Ao trazê-la em seu título, “Os Tambores de São Luís” trata-se de uma homenagem à cidade de São Luís, ao seu povo, e representa, assim, um exercício crítico acerca das atrocidades sociais sofridas em outrora pela população negra. A trama gira em torno de Damião, personagem principal, negro e escravo, que no decorrer da narrativa torna-se um homem livre, culto e combatente. Com efeito, Josué Montello nos oferece uma riqueza de personagens, o que se contabiliza para mais de quatrocentos. Sincronicamente, por um lado encontramos muitos elementos da história de São Luís e da beleza de sua paisagem e, de outra parte, alcançamos descrições a respeito de uma sociedade intolerante — cultural e religiosamente —, sendo realçada a sua capacidade escravagista.

Pelas letras montellianas, o leitor conhece ruas, largos, igrejas, casas e o cotidiano da ludovicense no passar do século XIX para o século XX. Notadamente, no que pese à *ficção*, a *realidade* não está fora de suas páginas (MOLDER; HISSA, 2011), e nesse jogo interacional entre texto e vida, a escravidão permeia todo o romance, sendo possível perceber territórios usados por funções bem definidas (SANTOS, 1994). A narrativa assumida envolve a leitura de modo a ilustrar os territórios e os cotidianos do senhorio e dos escravos, da igreja católica e de religiões de matriz africana. Destas últimas, a Casa das Minas desponta como um “espaço numinoso” (BERGER, 1985), de resistência pela vida, cultura, festa, um território religioso assegurador do encontro com os irmãos de cor.

O romance descreve tempos sombrios em que a escravidão era algo comum aos negros, sendo pouco ou quase nada questionada pela sociedade à época. Assim, “Os

Tambores de São Luís” retrata um período de aversão na história do Brasil. No mundo criado pelo texto literário, é, pois, “a memória do protagonista, Damião, que trará de volta tais acontecimentos” (ZANELA, 2009, p. 136), a fim de não os esquecer, e não esquecer soa como uma cultural ritualização (TURNER, 1974) que diz mais ou menos assim: *nós não queremos mais este tipo de ‘geografia’ em nossa cidade, para o nosso povo!*

Do romance, enxergamos, e problematizaremos a partir de então, a condição humana escrita em três especificações de territórios sociais: o território do quilombo; o território da fazenda Bela Vista; o território da cidade de São Luís.

Fundado pelo pai de Damião, Julião, o território do quilombo é emblemático aos apelos romanescos. Por ora, lembramos que, a princípio, os únicos moradores do quilombo eram Julião, sua mulher e os dois filhos, a saber, Damião, com oito anos, e Leocádia, sua irmã, com seis anos, todos sonhando com a liberdade, fugidos da opressão escravagista.

Julião, que chegou ao Brasil num navio negreiro com outras centenas de escravos, “ergueu a sua palhoça e fez o seu roçado [...] Ao fim de um ano, já a casa era outra, mais sólida, as paredes de pindoba, o chão de terra batida, os esteios de aroeira” (MONTELLO, 2005, p. 26). Estratégico do ponto de vista locacional e simbólico, a importância do quilombo era tanta que se demorou um mês para chegar até àquela abertura de mato, à beira de um pequeno lago, onde a vida parecia livre do atormento social.

Ao aprofundarmo-nos na leitura, e em reinterpretação, vejamos:

O surgimento do quilombo se deu com a chegada de Julião e sua família, naquela terra distante, após muitos dias de caminhada mata adentro; logo, seguidamente, outros negros escravos fugidos da fazenda do Dr. Lustosa, seu antigo dono e de tantas outras fazendas circunvizinhas. Assentaram-se naquela terra e deram início a uma sociedade com característica de comunidade, onde o trabalho era coletivo e mais justo. Os negros uniram-se no intuito de sobreviverem à perseguição da lei do mais forte. E aproveitavam a experiência obtida nas terras dos brancos; economicamente, produziam em conjunto, as plantações de milho, de cana-de-açúcar, frutas, criações de animais, como galinhas, marrecos, caçavam e pescavam, até forjavam algumas ferramentas de ferro no intuito de se prepararem melhor para enfrentar os adversários quando lá aparecessem (CARVALHO, 2014, p. 35).

Desta feita, o quilombo revela a intenção e a construção de um espaço acolhedor, humanizado: um lugar com ares de território (HAESBAERT, 1997). Ainda no sentido quilombola, Silva (2012, p. 3) menciona que “territorializar-se significa ter poder e autonomia para estabelecer determinado modo de vida em um espaço, dando continuidade à reprodução material e simbólica deste modo de vida”. Dissemos, então, de um território que com o passar do tempo vai tomando dimensões simbólicas de comunhão, aninhando negros fugidos de outras fazendas, que, ao chegarem ali, abriam risos triunfantes, sabendo que estariam nos braços de uma terra raiz (DARDEL, 2011). A estes termos, fruto da imaginação de Montello, sensível e orgulhoso, é Julião quem afirma: “foi eu que fez o quilombo, tudo aqui tá dentro do meu corpo” (MONTELLO, 2005, p. 36). Dessa forma é que, com história corporificada, o quilombo já tinha “a casa de farinha, a engenhoca, o seu pequeno cemitério” (MONTELLO, 2005, p. 35).

Permitindo-nos saltos na interpretação que fazemos neste ensaio, aportamos noutra território, já citado acima, a Fazenda Bela Vista, que, ao contrariar o seu próprio nome, pelo menos na perspectiva dos escravos, não tinha nada de bela, vista como um território



cruel. Comandada *à mão de ferro* pelo Doutor Lustosa, homem de muitas posses e de determinada respeitabilidade social, a Fazenda faz sangrar e humilha os corpos negros, ao mesmo tempo em que faz perpetuar o *status quo* daqueles que se achavam donos dos corpos citados, corpos tidos como sem alma, embora preches de esperança.

No que concorre ao que é dito acima, perceberemos que, no retorno à Fazenda, de modo penoso — físico e mentalmente —, depois de recapturado, Damião se lembra dos momentos vividos ali com a sua família, e as lembranças alimentavam-no daquilo que não mais queria experimentar, apesar de que “recordava-se de tudo, até mesmo da floração dos ipês” (MONTELLO, 2005, p. 48). Nem mesmo o *amarelado* das plantas imaginadas o fazia esquecer o *vermelho* que escorria das costas após as chibatadas sofridas no tronco. A dor revestia o território da Fazenda de modo a tornar rasteiras as possibilidades de dignidade humana. A senzala era o local dos escravos, espaço de pertença parcial.

Toda a construção humana do quilombo, a vida em conjunto, os afazeres coletivos, de empreendimentos simbólicos como espaços festivos, foi destruída com o retorno à Fazenda. Desfazia-se, assim, o devaneio da autonomia (BACHELARD, 1988), da alma no lugar do corpo (MERLEAU-PONTY, 2006), corpo resgatado como valor de mercado, usado como moeda de troca, objeto facilmente descartado.

Ao que parece revelar um posicionamento crítico e humanitário, em “Os Tambores de São Luís”, Josué Montello cita uma eloquente passagem de um sermão do padre Antônio Vieira – notório defensor da abolição da escravidão e crítico severo de senhores de escravos, a quem via como cristãos que escravizavam outros seres humanos –, em que fica clara a desoladora situação das fazendas maranhenses: “Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!”<sup>6</sup>. Em absoluto, as condições nas quais os escravos eram submetidos, seja na literatura, seja na vida que se tornara literatura, eram, por demais, desumanas. As fazendas escravagistas eram territórios sociais pensados com função de usar a força da mão de obra escrava e acumular finanças.

A cafua era o local no qual as torturas eram mais violentas. A bem da verdade, a cafua “parecia anterior à senzala e à primitiva casa-grande, no seu todo abrutalhado, na argamassa de suas paredes sem reboco, no seu chão de terra solta” (MONTELLO, 2005, p. 132). Era um espaço extremamente topofóbico, de dimensões assustadoras, produzidas com o intuito de proporcionar medo no homem, horror; ou seja, gerar os piores sentimentos e sensações possíveis.

É sabido que o homem, naturalmente, tende a preservar em si a liberdade, o espaço livre, sem barreiras ou impedimentos. Quando o homem é reduzido a um pequeno espaço, por imposição, ele perde a possibilidade de seguir, caminhar e viver. Damião foi colocado, por castigo do seu senhor, nessa situação, nesse espaço claustrofóbico: “Era uma peça retangular, de altas paredes sem janelas, cobertura de zinco, servida apenas por uma porta lateral, que se fechava pelo lado de fora com um ferrolho” (MONTELLO, 2005, p. 132).

Fechada a nossa breve interpretação sobre o território da Fazenda, abrimos as reflexões já na cidade, em São Luís, onde e aonde os tambores pareceram rufar um tipo de território marcado pela luta e afetividade entre os negros. Damião, por esta ocasião, mais uma vez, é símbolo encarnado da perspectiva de uma raça. Foi na cidade que se concebeu a luta pela libertação do povo negro do Maranhão.

A cidade de São Luís do século XIX – o tempo-espaço histórico trabalhado no romance é a segunda metade do século XIX – tinha características que não a diferenciava muito das outras grandes cidades do Brasil Imperial. Risério (2013, p. 123-124), ao

escrever sobre São Luís, diz que ela teria sido “depois da fundação francesa, uma cidade castelhana que portugueses e brasileiros iriam lusitanizando e abasileirando até que ela, mais tarde, recebesse cores e tambores africanos, celebrando seus voduns”, mas uma cidade constituída com territórios distintos para brancos e negros.

Não por acaso, Josué Montello escreve uma São Luís construída a custo de muito suor, sangue, humilhação, dor e morte, dos negros escravos. Por esta lógica, mais ou menos na metade do romance é possível ler que:

Já fazia mais de três séculos que os primeiros negros tinham chegado ao Maranhão, ainda com a cidade circunscrita ao seu forte, a algumas ruas tortas, ao casario de palha, a uns poucos sobradinhos de pedra. Ano após ano, vieram vindo outras levas de escravos, embarcados em Angola, na Guiné, em Moçambique, no Congo e na Costa da Mina [...] E tinham sido eles, os pobres pretos esqueléticos, de grandes olhos febris, as pernas bambas e chagadas, que em verdade ergueram a cidade, com seus palácios, seus sobradões de pedra e cal, suas igrejas, e sua muralha junto ao mar, sem que nem por isso lhes fosse restituída a liberdade (MONTELLO, 2005, p. 283-284).

Em suma, aquela cidade que encantou Damião em seus aspectos físicos e arquitetônicos foi inteiramente construída por esses homens que não tinham liberdade. Negros que, em sua maioria, vieram de outro continente, sem qualquer ligação com aquele novo chão. Novamente, deixando-nos envolver pela mistura entre ficção e realidade, não nos esqueçamos de que o Maranhão era, proporcionalmente, o terceiro estado com o maior número de escravos, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, regiões economicamente mais prósperas e importadoras de escravos no século XIX (JESUS, 2015).

Recém-libertado da escravidão, Damião demarca o seu território em São Luís em proximidade com os outros negros. Nesse contexto, as ruas são lugares de convivência e conhecimento. São nelas que são criados os vínculos que Damião costura para a vida pretendida. Nas ruas ele encontrou seus companheiros de luta pela abolição da escravatura, e também amigos, família e amores. Nas calçadas, aprende a triste realidade dos seus irmãos africanos. Ainda assim, pelo encontro, a cidade é portadora de identidade para ele, pois “a identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial” (CHELOTTI, 2010, p. 171).

E foi indo pelas ruas de São Luís, depois de algumas resistências pessoais, que Damião descobriu que o território sagrado da Casa das Minas o possibilitava lutar como que numa prática espiritual, juntamente com outros negros, escravizados ou não. Nesse *mundo sagrado*, a ancestralidade representava a própria divindade como enlace de vida. Conheçamos isso, pois, quando Josué Montello diz que os negros escravizados se sentiam no Querebentã de Zomadônu:

Esqueciam-se do cativo, não tinham mais senhores nem feitores, e sim voduns, que os habitavam e protegiam. Pouco importava que trouxessem no corpo as marcas das cangas, dos libambos, dos vira – mundos, das gonilhas e das gargalheiras. Ou que ali entrassem com as mordanças e as máscaras de flandres. Os tambores retumbavam, e eles, os cativos, eram novamente os donos de suas horas, senhores de suas vontades (MONTELLO, 2005, p. 281).

Tirar o microterritório da Casa das Minas daqueles sujeitos significava enfraquecê-los, deixá-los sem chão, *sem céu*, e a sociedade ludovicense o fazia sob a alegação de que ali os negros se comunicavam com seres diabólicos. As crenças cristãs, certamente, reproduziam essa mensagem. Damião soube incessantemente do preconceito, e porque o viveu *na pele*. Os territórios da *sua cidade* respiravam a incompreensão da forma de viver do outro, e ele sabia que era preciso fundar outra natureza identitária naquelas terras, só assim se sentiriam – os negros escravizados – pertencentes ao território.

Caminhar com Damião pelas ruas de São Luís, através das palavras de Montello, talvez seja necessário para diminuir os hiatos que, conscientemente, deixamos...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, na confluência das reflexões ensejadas até aqui, ao indicarmos a Literatura como arte e cultura capaz de fazer desenvolver sentidos humanitários, um texto ampliador das nossas noções geográficas, reproduzimos abaixo os três parágrafos iniciais do romance “Os Tambores de São Luís”, que se configuram como palavras-convide à leitura: rica em potencial simbólico e sensível, revelador de *um espaço* substancial, relacional, mítico, demonstrativo do quanto a Literatura contém saber territorial e social, o que, no caso da realidade maranhense e da cidade de São Luís, condensa o lugar e o habitar de culturas diversas, religiosas, espirituais, inclusive, resistentes à escravidão:

*“Até ali os Tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda, rufando forte os seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças, enquanto a nochê Andreza Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar. Por vezes, no seu passo firme pela calçada deserta, deixava de ouvir o tantantã dos tambores, calados de repente no silêncio da noite, com o vento que amainava ou mudava de direção. Daí a pouco Damião tornava a ouvi-los, trazidos por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches vestidas de branco, lhe refluiu à consciência, magra, direita, porte de rainha, a cabeça começando a branquear. Fora ela que viera buscá-lo, à entrada do querebetã. A intenção dele era apenas ouvir um pouco os tambores e olhar as danças, sentado no comprido banco da varanda, de rosto voltado para o terreiro pontilhado de velas. Já o banco estava repleto. Muitas pessoas tinham sentado no chão de terra batida, com as mãos entrelaçadas em redor dos joelhos; outras permaneciam de pé, recostadas contra a parede. Mas a nochê, que o trouxera pela mão, fez sair do banco um dos assistentes, e ele ali se acomodou, em posição realmente privilegiada, podendo ver de perto os tambores tocando e as noviches dançando, por entre o tinir de ferro dos ogãs e o chocalhar das cabaças” (MONTELLO, 2005, p. 15).*

## NOTAS

3 Esta contribuição científica foi pensada a partir da dissertação de mestrado “O lugar do habitar em ‘Os Tambores de São Luís’, de Josué Montello”, defendida em 2020 por meio do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão

(PPGEO-UEMA) pelo primeiro autor do presente artigo, sob orientação do segundo autor.  
4 Em toda sua vida produziu mais de cento e sessenta títulos, incluindo vários gêneros literários, como romances, contos, novelas, crônicas, ensaios, crítica literária, discursos, peças teatrais, literatura infantil e juvenil, memórias, prefácios, além de ter sido colaborador de diversos jornais e revistas brasileiras.

5 Fundada por José Olympio, a tradicional livraria e editora carioca foi, durante décadas, ponto de encontro da nata da intelectualidade brasileira.

6 Padre Antônio Vieira realizou o Sermão da Primeira Dominga da Quaresma em São Luís no ano de 1653. A quem possa interessar, o sermão pode ser lido em sua totalidade aqui: <[https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0043-01941.html](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01941.html)>.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BENJAMIN, W. **História da literatura e da ciência da literatura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a.
- BROSSEAU, M. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007b.
- CARNEIRO, H. M. S. **As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense**. 2011. 204 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2011.
- CARVALHO, M. S. **Os Tambores de São Luís**: ecos da memória e espaços reconstruídos na ficção de Josué Montello. 2014. 113 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 1, p. 165-180, abr. 2010.
- CLAVAL, P. **Terra dos homens**: a geografia. São Paulo: Contexto, 2010.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HAESBAERT, R. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 3, p. 20-32, jan. 1997.
- ITAPARY, J. **Jornal O Estado do Maranhão**. São Luís, 17 mar. 2006.
- JESUS, M. G. **Racismo e decadência**: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOLDER, M. F.; HISSA, C. E. V. Ciência e arte. In: HISSA, C. E. V. (org.). **Conversações de artes e de ciências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MONTELLO, J. **Diário Completo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. 2 v.
- MONTELLO, J. **Os Tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

- RABECCHI, A. L. G. S. **O fio das travessias**: a perspectiva histórica em Os tambores de São Luís, de Josué Montello e A gloriosa família - o tempo dos flamengos, de Pepetela. 2009. 262 p. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- RISÉRIO, A. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SANTOS, S. **Da Atenas à Jamaica Brasileira**: imaginários sobre São Luís na mídia maranhense. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araraquara, 2003.
- SILVA, S. R. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. *In*: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 12., 2012, Bogotá. **Anais [...]**. Bogotá, 2012. Tema: Las independências y construcción de estados nacionales: poder, territorialización y socialización, siglos XIX e XX
- TURNER, V. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ZANELA, A. A. **A epopeia maranhense de Josué Montello**: desvendando a poética montelliana em quatro romances. 2009. 214 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2009.